

O Mal, o Demónio e exorcismos

Introito

Chefe dos demónios, Satã ou Satanás, a Serpente, Belzebu, o Senhor ou Príncipe do Inferno e das trevas, o Génio do Mal, Lúcifer, Leviatan, Sedutor, dragão, inimigo, besta, o anticristo ou, em linguagem mais popular, diabrete, mafarrico, inimigo, porco sujo, bicho feio, leproso, cão tihoso... Um autêntico “*pandemónio*” de nomes. Numa palavra: o Diabo. Existe ou não? Entidade autónoma, personificação real do mal, conjunto de forças desintegradoras da personalidade, produto da nossa imaginação ou mero bode expiatório de toda a culpa? Se o Diabo não existe, o quê ou quem nos leva “*a fazer o mal que abomino e não o bem que eu desejo?*” (S. Paulo). Também a História mostra-nos um cortejo de horrores, de crimes, traições, fome, injustiças, crueldades gratuitas, guerras, doenças incuráveis, etc... Auschwitz, Goulag (campos de concentração na União Soviética) etc... natureza ferida: tsunamis, vulcões, terramotos, furações.... Quem ou o quê está por detrás destas tragédias?

A famosa frase cunhada por Charles Baudelaire (famoso poeta francês do séc. XIX) fez escola e descansa alguns: “*a maior astúcia do Diabo consiste em fazer-nos crer que ele não existe*”, e assim poder agir à sua vontade. (in: O Mal e o Demónio, Vasco Pinto Magalhães).

A origem do mal: uma proposta de abordagem...

O problema é tao antigo que já Epicuro (filósofo grego do séc. IV a. C.) questionava: “*ou Deus pode evitar o mal e não quer; então, não é bom. Ou quer e não pode; então, não é onipotente. Ou se quer e pode, donde vem o mal?*”.

A solução clássica da gnose dualista (dois princípios distintos: o bem – Deus; e o do mal – o Diabo) coloca o mal no interior da Divindade (um “deus satânico”): possuindo em si o princípio do bem e do mal. Por exemplo: Deus criou Lucifer como anjo bom e depois ele revoltou-se e caiu, tornou-se mau...

A célebre fábula de Ana Hatherly, ajuda-nos a pensar: “*Era uma vez duas serpentes que não gostavam uma da outra. Um dia encontraram-se num caminho muito estreito e como não gostavam uma da outra devoraram-se mutuamente. Quando cada uma devorou a outra não ficou nada...*”

Por exemplo, os vícios são defeitos das nossas qualidades, pois a nossa natureza produz ambos. Se assim não fosse não seríamos plenos e livres. A esse respeito Jung afirmou que “*qualquer objeto sólido tem o seu lado de sombra*”. Negar a própria sombra, seria negar a própria existência e tornar-se uma espécie de fantasma. Imaginemos que seríamos uma criatura de constituição paradisíaca, imune a todas as tentações, também não teríamos vícios. Consequentemente, não necessitaríamos das virtudes, nem do livre arbítrio.

Sejamos sérios e honestos! É mais fácil acusar um demónio com chifres (ou com saias) como “*bodes expiatórios*” para justificar o mau uso da nossa liberdade ou falta de verdadeira liberdade interior, do que acusar um político corrupto, as injustiças, o ódio terrorista ou a xenofobia... sim, esses demónios existem e nós sabemos bem quem eles são. Só que andam perfumados com fato e gravata. Aí o ser humano “*sataniza-se*”.

Desfazendo alguns nós:

É surpreendente e interrogante notar o quase nada da presença do demónio no AT e NT aparece forte, mas discretamente. Vejamos os significados dos seus principais nomes:

1. Satanás: adversário: aparece só três vezes no AT, para além do livro de Job onde é uma figuração recorrente da tentação “permitida”, e vinte e três no NT.
2. Diabo: divisor, caluniador, aparece também vinte e três no NT e nenhuma no AT.
3. Demónio: O NT está cheio de demónios... e apenas uma única vez no Deuteronómio.

O diabo não pode ser pessoa porque o caracteriza o ser pessoa é a capacidade de relação e ele é puro egoísmo, daí negação da relação, anti-relação. Constitui-se por oposição cerrada a Deus. Logo não pode ser pessoa, porque não pode amar. No fundo, o diabo é essa falsa imagem (desfocada ou caricatura) de Deus criada e transferida para a criatura. Um ídolo criado por mim trata-se de um fantasma que me engole e tem algo de diabólico.

A questão do mal tem a ver com a idolatria, a relação e o uso errado da liberdade, que se traduz na perversão das três grandes fomes de bem e de felicidade semeados dentro de todo o ser humano: (Lembremos as três tentações de Jesus).

- a) Fome de sentido: perverte-se na máscara do Poder. Ser autoritário; mandar e impor os meus sentidos aos outros; subjungando-os aos meus apetites e interesses; servindo-me deles para alcançar as minhas metas.

- b) Fome de segurança: perverte-se na máscara dos bens materiais. Cair na tentação de pensar que o dinheiro compra tudo e é seguro contra todos os riscos.
- c) Fome de amor (afeto): cair no erro do prazer pela satisfação imediata, fácil e prática nas suas mais variadas formas gozo egoísta.

Falsas saídas: Tornar-se dono, autoritário é do Demônio enquanto força (poder); Tornar-se rico, ganancioso é do Diabo enquanto divisão (Mentira); Assenhorar-se da luz é de Satan enquanto adversário (idolatria). S. Paulo fala no “*mistério da iniquidade*” (2 Tes 2, 7) que não existe para ser explicado, mas para ser combatido.

Perguntamos: E Deus, não faz nada?... Como sair do mal?...

É bom começar por reconhecer que, a maior parte das vezes agimos e reagimos, ainda como se vivêssemos no AT: nesse estado larvar e latente, com um cheirinho a batizados.

Depois, perceber que é importante desmontar falsos esquemas e imagens que fabricamos ou nos transmitiram de Deus: um Deus terrível, que não é Pai, mas paternalista, que não é Mãe, é madrasta. Deus é Pai e Mãe, mas de um outro modo. Aliás **não é um Deus que criou, mas que anda a criar** (é um dos seus grandes segredos). A obra da Criação é um *fazer-se*, anda a fazer-se: é um aperfeiçoamento contínuo. E criar é ordenar. Portanto, Deus anda a criar, ou seja, anda a por em ordem (cosmos, harmonia) o caos (a desordem). E a Ordem só a saberemos no fim. **Deus eterna e pacientemente anda a criar-nos, o mundo e esse menino que somos nós. Temos a tarefa de nos descobrir, como quem se anda a tornar-se gente, semelhante a Ele, em vez de O ver à nossa imagem.**

A Humanidade ainda vai no adro! A criança está na idade de brincar e como ainda não sabe ser senhor (ainda não aprendeu com Deus), brinca mal... tem de crescer e aprender. É a nossa condição de criatura que anda a torna-se gente grande. A condição humana ainda é muito bebé e que por isso, é muito imperfeita. Mas, por outro lado, é perfeita. Porque um bebé é perfeito, sendo completamente imperfeito, estado todo por fazer. Assim, percebe-se o pecado original como carência, falta: significa que está tudo por fazer, que ainda peca por falta de amor, porque ainda lhe falta história, porque está tudo por fazer. Por isso, dizemos que o mundo nasce na condição de pecado, por causa dessa carência estrutural, nasce carente de amor e de graça. Isso ajuda-nos a tomar consciência de que sem Deus não somos nada. Sem amor, nem sequer sou eu. Essa condição humana é o sinal que indica que o ponto de partida para a autêntica humanização é deixares-te amar.

Três apontamentos basilares acerca de Deus em relação ao mal:

1. Deus permite o mal porque é Bom, não age paternalisticamente nem interfere na nossa liberdade tratamo-nos como marionetes ou manipulando-nos.
2. Para Deus nenhum mal é absoluto: todo o mal é relativo, circunstancial e de passagem.
3. Deus permite o mal porque de todo o mal se pode tirar um bem maior. Todo o mal é aprendizagem, desafio, chamamento e ocasião de graça, de uma outra graça. Sto Agostinho dizia: “tudo é graça, até mesmo o pecado”. Teilhard de Chardin afirmou: “*Tudo o que acontece é adorável*”. Para nos ensinar que para o cristão não desgraças, não só porque tudo é Graça, mas porque tudo é ocasião de uma outra Graça. O que existe é um erro de perspectiva que nos impede de olhar as coisas desta maneira.

Exorcismos: análise de alguns textos...

Mateus 16, 16-23: Pedro é chamado por Jesus de “Satanás” porque tem em vista os critérios e as medidas de mundo... torna-se “adversário” do projeto de Jesus – O Reino.

Lucas 10, 17-20: “*Satanás cair como um relâmpago*”... perante a pregação dos apóstolos os poderes deste mundo que escravizam, aprisionam o ser humano, a idolatria... “as luzes”, ou seja, os adversários que Jesus vê cair.

Marcos 5, 1-20: o possesso de Gerasa...

Conclusão

“*Antigamente, quando a religião era forte e a ciência fraca, os homens confundiam magia com medicina; agora, que a ciência é forte e a religião fraca, os homens confundem medicina com magia*”(Thamas Szasz).

Os grandes exorcismos praticados pela Igreja são chamados os sacramentos da cura: reconciliação (ou penitência) e santa unção.